

## **Imigração depende da integração**

“O fenómeno do terrorismo e/ou da insegurança não podem ser ligados, por princípio, à imigração. Mas, por vezes, a falta de referências pode contribuir para o desenvolvimento de situações de conflitualidade. É, por isso, necessário fomentar políticas de integração.”

António Vitorino recusa a existência de *“uma ligação genética”* entre a imigração e fenómenos de terrorismo e/ou insegurança, muito embora reconheça que a falta de identidade e o risco de marginalização social nas segundas gerações podem conduzir a situações de conflitualidade social.

*“Acho completamente abusivo fazer uma identificação entre imigração e criminalidade e terrorismo, mas não posso deixar de reconhecer que os fluxos migratório colocam problemas novos”*, afirmou António Vitorino, ontem, na Fundação António Cupertino de Miranda, no Porto, durante a primeira conferência FIC.

Convidado a reflectir sobre *«A imigração e as suas implicações na estratégia de Defesa Nacional»*, o antigo comissário europeu preferiu orientar a sua intervenção para a segurança.

No caso português, António Vitorino disse que *“não pode haver uma política de portas abertas”* e que *“a política de admissão deve estar condicionada à capacidade de integração da comunidade imigrante no país de acolhimento”*. Em todo o caso, *“o sistema português tem funcionado de maneira muito assimétrica e excessivamente burocrática”*. António Vitorino manifestou ainda a esperança de que a política de atribuição de vistos para a procura de trabalho *“pode ser um factor de flexibilização”*, mas *“falta ver como funciona na prática”*.

## **Afinidades portuguesas**

O ex-comissário europeu considera ainda que Portugal tem a *“vida facilitada”* em matéria de imigração, uma vez que boa parte dos cidadãos que recebe têm ligação à Língua Portuguesa: africanos e brasileiros.

No que respeita às quotas de entrada, António Vitorino vê nelas um instrumento como outro qualquer, *“não uma varinha mágica”*. Actualmente, Portugal serve como país de acolhimento para meio milhão de pessoas, oriundas fundamentalmente do Leste da Europa, África e Brasil, representando cinco por cento da população portuguesa. António Vitorino advertiu ainda para o facto de ser preciso *“pensar uma política de integração humanitária, tolerante, mas ao mesmo tempo na fidelidade aos nossos valores de identidade colectiva”*.

O socialista considera também que Portugal tem *“a obrigação moral de compreender as políticas de integração”*, uma vez que foi já durante um longo período de tempo um país de origem.

## **Comparação entre modelos**

O orador recuperou um relatório publicado anteontem sobre a percepção da ameaça terrorista entre os Estados Unidos e a Europa. Os americanos temem uma agressão vinda do exterior, ao passo que para os habitantes do Velho Continente a ameaça é gerada dentro de portas. Exemplos: Madrid/Março de 2004; Londres/Julho de 2005 – em ambos os casos os terroristas eram imigrantes de segunda geração. *“Há um caldo de cultura que é propício a que nessas comunidades se gerem fenómenos de radicalização violenta onde pode haver o recrutamento de terroristas”*, disse.

António Vitorino lembrou ainda os métodos de integração no Reino Unido e em França. No primeiro, o Estado é neutro em relação à religião e aos hábitos e costumes dos imigrantes, enquanto que do outro lado da mancha existe um modelo assimilacionista que incentiva à adopção da nacionalidade francesa. *“Ambos estão em crise”*, concluiu António Vitorino.

O FIC, promovido pela Walker Consultores Lda (Grupo EGOR Pessoas & Negócios), vai organizar, até 2007, um conjunto de seis conferências, cujo cenário comum é o fenómeno da imigração em Portugal, muito particularmente a oriunda do Leste da Europa.

In *O Primeiro de Janeiro*